



A DEFESA NACIONAL

O Muro Invisível da Alemanha Unificada¹

Vasco Mariz*

Embaixador do Brasil em Berlim, de 1984 a 1987, o autor revela interessantes facetas ligadas à atual conjuntura da Alemanha unificada.

Quando deixei Berlim Oriental, em meados de 1987, após lá viver quase três anos, virtualmente ninguém poderia prever o que sucederia dois anos depois. Recordo-me que, ao despedir-me de meus colegas diplomáticos, os embaixadores americano, francês, inglês e russo consideravam insignificante a possibilidade da reunificação das duas Alemanhas. Lembro-me até que transmiti ao Itamaraty uma espontânea exclamação da embaixadora da França em Berlim — *Vive le mur!* —, durante minha visita de despedida.

Por isso mesmo, quando se desenrolaram os acontecimentos que são do conhecimento de todos, surpreendi-me e indignei-me com as baboseiras publicadas em jornais

brasileiros e internacionais, escritas por jornalistas que não tinham vivência alguma da verdadeira conjuntura da RDA antes da queda do muro de Berlim. Li que os alemães orientais pouco tinham o que comer, que os produtos por eles fabricados eram péssimos e várias outras inverdades. Ao que parece, os jornalistas que escreveram tais notícias foram buscar essas informações nos arquivos dos anos 50 de seus jornais, quando a vida na RDA tinha realmente péssima qualidade. Em verdade, em meados dos anos 80, o nível de vida na Alemanha Oriental já era bom e estava sendo comparado, por economistas ocidentais, ao da Espanha. Embora a RDA tivesse nível de vida bem inferior ao de seus irmãos alemães ocidentais, em 1984 o país já era a 11^a potência industrial do mundo. Li isso na revista norte-americana *Newsweek*, da qual me vali para fazer a mi-

* O autor é diplomata.

1. Selecionado pelo PADECME.

nha sabatina perante o Senado brasileiro. Tinha então a RDA uma renda *per capita* de US\$ 7.500,00² e exportava cerca de US\$ 40 bilhões, cifra que o Brasil só veio a atingir 10 anos depois, em 1994. E a RDA chegara a esse nível malgrado os entraves bem conhecidos das sociedades socialistas e graças apenas à persistência e à capacidade de trabalho dos alemães. E recordo, que a Alemanha Oriental era um pequeno país com 100.000km², isto é, do tamanho de nosso Estado de Pernambuco, e com cerca de 17 milhões de habitantes.

Quanto à qualidade de seus produtos, se bem que menos sofisticados do que os da Alemanha Ocidental, muitos deles funcionam muito bem em minhas casas do Rio de Janeiro e de Miguel Pereira, decorridos 10 anos. Aliás, quem passa sobre o viaduto, ao longo do cais do porto do Rio de Janeiro, vê uma série de grandes guindastes TAKRAF, feitos em Rostock, operando normalmente. Quanto à pretensa fome que grassava na RDA em meados dos anos 80, devo dizer que uma boa parte da comida consumida em Berlim Ocidental era proveniente da RDA, cuja agricultura era bastante eficiente. Quanto à indústria, até hoje tenho um belo armário comprado em Berlim Ocidental, que depois vim a descobrir haver sido produzido do lado oriental. Ademais, recordo-me que, todos os sábados, Berlim Oriental era invadida por centenas de oficiais e soldados americanos, franceses e ingleses que faziam compras a preços muito convenientes. Em verdade, se nos primeiros anos da ocupação soviética depois da Segunda Guerra Mundial o nível de vida era baixíssimo, 30 anos depois o quadro mudara por completo. Quando Gorbachev visitou Berlim, em 1987, lem-

bro-me bem que ele apontou a RDA como modelo para os outros países socialistas, como a economia mais desenvolvida do mundo comunista.

Então, poderá ser perguntado por que milhares de alemães orientais fugiram ou tentaram fugir para o lado ocidental, se tinham um nível de vida bastante satisfatório? O motivo principal certamente foi psicológico, tentados pela ostentação de riqueza a que diariamente assistiam pela televisão alemã ocidental. Outro fator importante foi a opressiva presença policial, que nos anos 80 diminuía um pouco ou se tornara mais discreta, mas ainda era palpável. É verdade que alguns amigos alemães me diziam que, se o indivíduo não se metesse em política ou não agisse contra o governo, não era importunado. Enfim, durante a minha estada na RDA havia já uma razoável liberalização, correspondente talvez à crescente prosperidade do país. Entretanto, a impressão de confinamento forçado dentro do país era incômoda, e considero que foi um grave erro do governo não haver aberto paulatinamente as fronteiras. Afinal, com o modesto valor do marco oriental, cinco vezes menor do que o marco alemão ocidental, tudo o que os cidadãos da RDA poderiam fazer era passear alguns dias em Paris ou comprar alguns *gadgets* que não podiam adquirir nos países do mundo socialista. E depois regressariam satisfeitos a seus empregos e a seus apartamentos na RDA.

Recordo que os aluguéis eram baratinhos, as escolas e serviços médicos eram gratuitos e eficientes de um modo geral, embora sem sofisticação. Na realidade, os alemães orientais ganhavam pouco em termos ocidentais, como nós aqui no Brasil, mas a vida era tão subvencionada pelo Estado que sempre sobrava algum dinheiro para esquiar no inverno da Tchecoslováquia ou, no verão,

2. Três vezes a renda do Brasil.

ir às praias da Romênia ou da Bulgária com sua família. Os divertimentos eram baratos e de boa qualidade; os teatros, os concertos, a ópera, os museus, excelentes e estavam sempre repletos, inclusive com boa percentagem de turistas ocidentais. E, o mais importante: não havia desemprego, hoje a grande praga dos países da economia de mercado. Bem ou mal, o Estado socialista assegurava a todos uma colocação. Mas o único aspecto negativo grave — repito — era a vigilância policial, constante e atenta, e isso afligia, sobretudo, os intelectuais, sempre ansiosos por liberdade mais completa.

Mas não estou fazendo esta apreciação para elogiar o regime comunista do Sr. Erich Honecker que, pessoalmente, nem parecia um líder socialista, tão simpático era. Tudo teria prosseguido como estava, pelo menos por alguns anos mais, se não houvesse ocorrido o desmantelamento da União Soviética. Sem esse fator decisivo não teria havido a reunificação da Alemanha, nem mudanças de governo nos demais países socialistas do Leste Europeu. A efervescência que assaltou a RDA, em outubro e novembro de 1989, poderia ter sido reprimida com facilidade, se Honecker se sentisse respaldado por Gorbachev. O Ocidente nada poderia fazer sem arriscar uma guerra mundial. O desejo do SED, o partido do governo, de tentar conciliar essa ebulação política levou-o a substituir Honecker, já enfermo e com 77 anos de idade, por Egon Krenz, o delfim há muito escolhido. A queda do muro foi resultante de uma série de mal-entendidos e, sobretudo, da má comunicação entre as diversas repartições do governo. Krenz decidira afrouxar gradualmente os regulamentos de viagem ao exterior e ia anunciar, pela televisão, essa decisão naquela noite. Só que correu célere o boato de que as portas do muro seriam

abertas à meia-noite. Multidões enormes se dirigiram para os *check-points* e a polícia de fronteira não havia sido reforçada, porque não havia intenção do governo de abrir as portas do muro. E o resto sabemos todos como ocorreu.

Gostaria de abrir parentêsis para tecer algumas observações sobre Erich Honecker, que foi o presidente do Conselho de Estado da RDA, de outubro de 1976 a outubro de 1989, e a quem conheci bastante bem.

Ele era o secretário-geral do Partido Comunista desde 1971 e, antes, se havia feito notar no cenário mundial como o homem que construiu o muro. Para minha surpresa, pude constatar que ele era bastante popular em seu país pois, nos desfiles militares na RDA, ele ficava em um estrado ao nível da rua, bem diante do povo que desfilava e lhe apertava as mãos. Nós, diplomatas estrangeiros, comentávamos que nenhum outro líder socialista da época ousava tanto. Nada de palanques elevados, nada de vidros blindados em cerimônias ao ar livre, onde Honecker poderia ter sido facilmente ferido ou assassinado, apesar dos muitos seguranças dispersos nas vizinhanças.

No dia em que lhe entreguei minhas credenciais como embaixador do Brasil, conversamos longamente, parte através de intérprete, parte graças ao meu alemão capenga. Falei-lhe da minha emoção antes de entrar no Palácio do Conselho de Estado, defronte à famosa e sinistra avenida Unter den Linden, onde minutos antes tivera ocasião de passar em revista tropas alemãs formadas em minha honra. Lembrei-lhe que fora um oficial da reserva brasileiro, formado pelo CPOR para combater os alemães, mas que a guerra terminara dias antes da data de minha partida para a Itália. E aí, nessa entre-

vista, aconteceu uma grande surpresa: o Presidente da República Democrática da Alemanha ignorava que o Brasil esteve em guerra com a Alemanha nazista! Honnecker disse-me, com naturalidade, que nunca ouvira falar da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Justificou seu desconhecimento pelo fato de haver passado toda a guerra em Moscou, onde poucas notícias lhe chegavam do *front* italiano.

Minhas relações pessoais com Honnecker foram naturalmente distantes, mas bastante cordiais: sempre tinha uma palavra amável para mim ou para o Brasil. Por isso acompanhei com interesse sua odisséia, depois que deixou o poder, em 1989. Após a queda do muro, Honnecker, já afetado por um câncer no fígado, foi levado para Moscou, onde ficou em tratamento e, de lá, por exigência alemã ocidental, voltou preso para um hospital de Berlim, à espera de julgamento. No entanto, Helmut Kohl, que tinha boas relações pessoais com o ex-líder da RDA e o havia recebido oficialmente em Bonn como chefe de Estado, em 1987, decidiu virar a página política. Aproveitando o pretexto de sua grave enfermidade e de sua avançada idade, concordou com o pedido de Honnecker para asilar-se no Chile, onde Margot, sua esposa e ex-ministra da Educação, está residindo com uma filha do casal.

Finalmente, a 29 de maio de 1994, falecia Honnecker, em Santiago, aos 81 anos de idade. E foi enterrado com todas as honras pela esquerda chilena. Era, sem dúvida, uma das figuras-chave da política européia na época da Guerra Fria. Guardo dele uma recordação simpática e conservo uma foto sua a mim dedicada. Não está emoldurada, mas sim dentro de uma pasta ao lado de outra fotografia, também com dedicatória a mim, de outro personagem controvertido que co-

nheci muito bem: o general Augusto Pinochet. Como se vê, a diplomacia enseja encontros e simpatias com personalidade de ideologias radicalmente opostas: Honnecker e Pinochet — quem diria?...

Mas examinemos de perto o processo de reunificação das Alemanhas, que foi, sobretudo, o resultado da audácia do chanceler Helmut Kohl. O partido cristão-democrata andava mal das pernas e Kohl tinha escassas possibilidades de reeleição. Agiu, então, com a maior presteza e, virtualmente, comprou a aprovação de Gorbachev, à custa de bilhões de marcos de auxílio à URSS. A parte final dessa vultosa operação financeira foi paga em espécie pela entrega dos grandes estoques de comida guardados nos subterrâneos de Berlim Ocidental para a eventualidade de um novo bloqueio russo, como ocorreu em 1948. E o mais curioso é que, depois da reunificação, o Estado alemão continuou pagando, até 1994, a permanência de 400 mil soldados russos estacionados no antigo território da RDA.

Segui, com atenção, a evolução da conjuntura alemã através da imprensa e de cartas de amigos e, em 1990, voltei a Berlim unificada para ver, com meus próprios olhos, o que se comentava tão apaixonadamente. Posso resumir em uma única frase: o preço da tão esperada liberdade estava muito alto, excessivo mesmo, no entender da maioria dos antigos cidadãos da RDA. A transformação de um país socialista em uma região de economia de mercado foi demasiado rápida e, sobretudo, não levou em conta o lado social e humano. O governo alemão ocidental demonstrou muito pouca preocupação com seus irmãos orientais como indivíduos, como se todos e cada um dos cidadãos da antiga RDA fossem culpados pelos erros e

desmandos do governo do país absorvido. Os grandes conglomerados industriais e comerciais foram desmantelados a toque de caixa: os produtos que essas fábricas produziam foram simplesmente postos de lado e substituídos por outros muito mais sofisticados do lado ocidental. Daí resultou enorme desemprego na indústria, no campo e no comércio. Num país de menos de 17 milhões de habitantes há, ainda hoje, cerca de dois milhões de desempregados, e esse número não tem diminuído seis anos depois. Grandes empresas estrangeiras tentaram associar-se às melhores empresas alemãs orientais, mas os interventores do lado ocidental impediram a formação de muitas das *joint ventures*. Considerável escândalo causou a tentativa fracassada da British Airways de associar-se à Interflug, a importante empresa aérea da RDA. Numerosíssimos funcionários públicos foram despedidos sem cerimônia: os diplomatas foram todos postos na rua, bem como os do antigo Ministério do Comércio Exterior da RDA. O melhor especialista alemão do comércio com o Brasil emigrou para São Paulo. Enfim, nessa visita de 1990 a Berlim, amigos e conhecidos me manifestaram a maior preocupação, e até revolta, da maneira como estava sendo feita a reunificação. Disseram-me alguns: "Isso não é uma união e, sim, *anschluss* — uma anexação de país vencido."

Os cidadãos da antiga RDA foram obrigados a trocar suas economias na taxa de um marco alemão contra três marcos orientais antigos e os seus salários continuam, até hoje, bem menores do que recebem os alemães ocidentais em empregos do mesmo nível. E com tão pouco dinheiro, 20% menos, têm de pagar aluguel, comida, vestuário etc. aos preços elevadíssimos da Alemanha Ocidental. Estive em um restaurante elegante na

antiga Berlim Oriental, que freqüentava antes e estava sempre cheio, e éramos os únicos clientes naquela noite. O dono do restaurante nos disse que só aos sábados e domingos conseguia alguns clientes. Artistas e músicos que conhecia queixaram-se da utilização de música ligeira e popular nas magníficas casas de espetáculos de Berlim Oriental, como a Stadtoper e o Schauspielhaus, ambas com mais de 200 anos de tradições respeitabilíssimas. Acusaram as autoridades de Berlim Ocidental de tentar humilhar os artistas da RDA, de degradarem os teatros e cancelarem as subvenções às óperas de Berlim, Dresden e Leipzig. Citararam-me até a apresentação da opereta americana *West Side Story* na ópera do Estado! Ressalvo, porém, que esse mesquinho revanchismo só ocorreu no início da unificação. Hoje tudo se normalizou e se reestruturou. Mas as cicatrizes ficaram e vão demorar a desaparecer.

E como encontrei as duas Berlim depois de unificadas, em 1990? Oito meses após a unificação persistia bem clara a divisão das duas zonas. Apesar de derrubado e removido todo o muro de Berlim, era palpável a existência de um muro invisível. Se isso ainda se justificava na época, o triste é que ele continua lá, bem visível, seis anos depois. A mudança de regimes na Europa Oriental e a reunificação alemã causou notável perturbação na região, em consequência da liberdade de circulação. Em 1990, Berlim estava cheia de ciganos, romenos, húngaros, poloneses e búlgaros, muitos dos quais dormiam nas ruas. Muitos alemães orientais transformaram-se em camelôs nas principais avenidas e praças da cidade, dos dois lados do muro invisível. Naquela época, e até hoje, há muita violência, assaltos, que, naturalmente, não existiam antes. *Punks* e neonazistas

ocuparam velhos imóveis decadentes e aterrorizam a vizinhança. Ainda em 1995, continuam a ocorrer graves incidentes com os *punks*, não só em Berlim, como em várias cidades importantes dos dois lados da Alemanha. Tudo isso era inconcebível antes, pois as polícias dos dois lados do muro não brincavam em serviço. Em 1990, conhecidos nossos de lojas elegantes do Kurfürstendamm se queixaram que vendiam pouco, já que o turismo ocidental quase desaparecera e os alemães orientais não tinham poder aquisitivo para os produtos ocidentais. Berlim perdeu os incentivos fiscais que recebia de Bonn, como vitrina capitalista para o antigo mundo comunista. E os berlinenses estavam decepcionados com o fato de que tão cedo não serão a capital da nova Alemanha unida: o *lobby* de Bonn conseguiu manter o parlamento e a sede do governo na cidade de Beethoven até o fim do século.

Berlim é, hoje, um grande canteiro de obras, e quantias fabulosas estão sendo gastos para transformar a cidade na capital da flamante Grande Alemanha Unificada. Os empreiteiros de Berlim, nada ortodoxos, esfregam as mãos entusiasmados e tudo isso à custa dos *taxpayers* alemães, cada vez menos convencidos das vantagens da reunificação. Ouçamos a viúva de um embaixador alemão ocidental, nossos amigos de longa data, que nos escreveu pelo Natal de 1994: “*Estive há dias na antiga RDA e visitei lugares de onde minha família é originária. Tudo me pareceu bem pobre, mais pobre do que antes. Estamos pagando impostos altíssimos e, no entanto, todos continuam muito descontentes. Quase todos me disseram que gostariam de ter o muro de volta. Todos estão muito impacientes.*”

Essa impaciência se expressou livremente nas eleições de 1994, nas quais Helmut

Kohl conseguiu apenas a ínfima maioria de 10 cadeiras no parlamento. O descontentamento na antiga Alemanha Oriental, em pesquisa feita em fevereiro último, era de 82%. O carismático líder do PSD, Partido Socialista Democrático, Gregor Gysi, obteve elevadas votações na antiga RDA, sobretudo na região de Berlim, cidade tradicionalmente esquerdistas. Isso fez o primeiro-ministro Kohl exclamar: “*Os vermelhos hoje só existem em Cuba e no PSD da ex-Alemanha Oriental.*” Onde morava eu, em Pankov, o PSD obteve 36,7% dos votos, à frente do SPD (33%) e do CDU (21%), isto é, a esquerda recebeu quase 70% dos votos. Em Chemnitz, a antiga Karl Marx Stadt, alguns dos símbolos do comunismo foram tombados pela prefeitura local, em combinação com o patrimônio histórico alemão: o enorme busto de Marx de 13 metros de altura, o maior do mundo, e atrás do qual se vê uma gigantesca placa de 400m² onde se lê “*Proletários de todo mundo, uni-vos!*” ficarão perpetuados. Quanta ironia!

No entanto, quero deixar bem claro que ninguém quer voltar à antiga ditadura comunista. Estão saudosos das benesses e mordomias do socialismo, reconhecem a generosidade desajeitada do governo de Bonn, mas é indubitável que ainda há muito caminho a percorrer. Políticos e jornalistas afirmam que os alemães ainda não derrubaram o muro que existe dentro da cabeça deles. Ninguém, de um ou do outro lado do velho muro, tinha idéia de quanto uma parte da Alemanha se distanciaria da outra, em 40 anos de separação. O muro do ressentimento, invisível, lá está, e todos o percebem muito bem e sofrem com isso, dos dois lados. O conhecido escritor Friedrich Dieckmann ironiza: “*Kohl cumpriu a sua promessa e destruiu completamente a atividade industrial da antiga Ale-*

manha Oriental e, hoje, no lugar das fábricas, só existem belos canteiros de flores." A importante revista norte-americana *Business Week*, edição de 28 de novembro de 1994, confirma que o chamado muro da vergonha foi substituído por um "muro da mente". Os *ossies* resmungam que continuam a ser tratados como cidadãos de 2^a classe pelos imperiosos *wessies*, e os *wessies* queixam-se de que os *ossies* são uns ingratos, que teimam em não reconhecer o esforço do Estado, que está gastando bilhões de marcos para reconstruir a antiga Alemanha Oriental. Ambos têm razão, afirma o escritor alemão, mas o muro invisível lá está, onde hoje se constroem grandes *shopping centers*. Acrescento eu: o desemprego na Alemanha Ocidental é de 9% mas, na antiga RDA, já superou 13%. O muro do ressentimento não foi derrubado ainda e as cicatrizes psicológicas poderão durar uma geração ou duas.

A revista americana *Newsweek*, de 4 de setembro de 1995, dedica uma página inteira ao último romance do grande escritor alemão Günter Grass, e o articulista afirma que a Alemanha unificada vai ficar decepcionada. Esperavam todos um canto de louvor à nação reunida e o célebre autor deu-lhes "uma obra amarga, cheia de diatribes esquerdistas e preconceitos". Grass comparou a unificação àquela imposta a ferro-e-fogo por Bismarck aos principados alemães no século passado. Os críticos literários reconhecem ser ainda cedo para escrever o romance da unificação, enquanto existir o muro invisível. O livro tem o título em inglês de *A Wide Field* e está sendo traduzido para o português como *Um Campo Longínquo*, pela Editora Record.

"O muro do ressentimento não foi derrubado ainda e as cicatrizes psicológicas poderão durar uma geração ou duas."

Seis anos depois da reunificação, já deveria haver atmosfera para um bom escritor produzir uma obra definitiva, mas não é assim. No entanto, a agência oficial alemã Treuhand Anstalt já encerrou, no início de 1995, sua tarefa de privatizar ou fechar as 14 mil empresas estatais da antiga Alemanha Oriental. Seu trabalho durou cinco anos e seu presidente, Günter Rexrodt, foi premiado com o Ministério da Europa. Mas o resultado social das atividades de sua equipe foi de 2 milhões de desempregados, ou cerca de 13% da força de trabalho da antiga RDA. Será mesmo que foi um sucesso? Não há dúvida de que o parque industrial da antiga Alemanha socialista era semi-obsoleto,

mas sua transformação foi demasiado rápida e realizada a um altíssimo custo social. Os grandes conglomerados da Alemanha Ocidental fizeram questão de desmontar seus competidores do Leste, que vendiam tão bem seus produtos pouco sofisticados aos países do Segundo e do Terceiro Mundos. Em verdade, o que vimos foi o capitalismo mais selvagem exterminando as fábricas e os empregos menos eficientes de seus irmãos da RDA. Aos interessados recomendo a leitura de longa entrevista publicada em *O Globo*, de 26 de março de 1995, concedida por um teuto-brasileiro, que foi o diretor da Treuhand na cidade de Halle.

Um fato curioso ocorreu comigo em 1992, quando fui convidado para almoçar, pelo ex-governador Leonel Brizola, a fim de debater a possibilidade de o governo do Estado do Rio de Janeiro atrair algumas boas empresas da RDA para realizar *joint ventures* com fábricas cariocas e aqui se instalarem. Desejava ele que eu viajasse com o então

Secretário de Finanças, Luiz Salomão, depois deputado muito atuante em Brasília, para tentar convencer as autoridades alemãs. Disse-lhe imediatamente que a idéia era excelente, mas estávamos com três anos de atraso, pois as melhores empresas da RDA já estavam reorganizadas ou compradas por congêneres alemãs ou estrangeiras. Em 1992, só restavam empresas obsoletas, pois as fábricas notáveis, como por exemplo a Zeiss, de Jena, já haviam sido negociadas. Brizola interessava-se por uma fábrica de Dresden que construía edifícios pré-fabricados em três meses, mas nem isso foi possível.

Apesar dessa devastadora unificação, persistem alguns símbolos da RDA que desafiaram a *Treuhand*. Um deles é o pequeno automóvel Trabant, que a imprensa ocidental considerava o símbolo da ineficiência alemã oriental. Meu jardineiro, Peter, comprou um após longa espera, e convidou-me para dar uma volta. Andava bem, bufando *puff puff*. Lembram-se do nosso antigo DKW? Pois o Trabant é um primo do DKW e a fábrica fechou em 1992. E o que acontece hoje? Nos círculos elegantes e jovens da Alemanha unificada surgiram diversos “Clubes de Trábies”, como os carros Trabant são chamados afetuosamente. Leêm-se nos jornais dezenas de anúncios de compradores de “Trábies” e os vendedores de carros usados recebem crescentes pedidos para adquirí-los. Como entender que o país que produz os esplêndidos Porsches, Mercedes, BMWs e Audis possa ansiar pelos velhos “Trábies” de dois cilindros? Segundo a imprensa, a resposta é complexa: os carros são lentos e modestos, mas bons e baratos, e podem ser comprados por menos de mil reais. Dirigir hoje um Trabant, além de ser uma piada, é um verdadeiro “culto retrô”. Nos círculos

jovens da Alemanha de hoje é elegante chegar a uma festa, e mesmo a uma recepção, dirigindo um Trabant ou um Wartburg, seu modelo mais luxuoso.

Mas se os alemães ocidentais se divertem imitando seus irmãos orientais, estes estão encantados com os novos sinais exteriores de riqueza. Os novos ricos da antiga RDA estão adotando as piores invenções do Ocidente: a decoração de seus apartamentos está ficando *kitsch* e a última moda são os banheiros luxuosos com torneiras douradas de latão. Do lado oriental de Berlim, estão construindo um hotel enorme e casoníssimo, o hotel Adlon, de fazer inveja aos de Miami Beach, com apartamentos de luxo principesco e quartos contíguos para a criadagem particular dos hóspedes. Na cidade portuária de Rostock contruíram um King Kong de borracha com 24 metros de altura e trinta toneladas de peso, que uiva e se movimenta. Pelo Natal, todos na antiga RDA disputam as árvores de plástico importadas da Dinamarca e as decoram feericamente. Já os preços dos imóveis decuplicaram nas zonas nobres das principais cidades da Alemanha Oriental, e o Brasil vai ter gastos enormes para bem instalar sua nova embaixada em Berlim.

Embora o número de pobres ainda seja grande, a sociedade da antiga RDA deixou de ser nivelada. Em pouco tempo começaram a surgir os primeiros milionários. Além dos ricos que voltaram do exílio no Ocidente, é também já bastante grande o número dos *selfmade men* na Alemanha Oriental. Já os novos mafiosos ainda não são tão numerosos ou poderosos como na Rússia, pois a polícia alemã não descansa. Seja como for, os novos homens-de-negócios estão procurando criar um clima de consumo que era desconhecido na RDA.

Mas vejamos agora o quadro político da nova Alemanha, ainda tão pouco reunida.

A política na Alemanha vai evoluindo com os problemas de desemprego e a falta de atendimento às reivindicações trabalhistas, a diminuição da competitividade dos produtos alemães no exterior, devido aos altos custos de produção. A baixa cotação do dólar em relação ao marco e as outras moedas fortes torna mais caras as exportações alemãs. Duas importantes novidades surgiram nas eleições gerais de 1994 e nas eleições municipais de 1995. O Partido Liberal Democrático, principal aliado de Kohl, implodiu quase completamente. Já o Partido Verde, que havia quase desaparecido nas eleições de 1990, reorganizou-se e obteve resultados encorajadores, em maio de 1995, no maior estado da Federação, a Westphalia. Assim, a balança do poder está mudando muito mais depressa do que se poderia esperar.

Parte do sucesso dos “verdes” foi obtido às custas dos liberais-democratas de Genscher e Klaus Kinkel, o atual ministro das Relações Exteriores, com consequências dramáticas. O FDP tinha sido o maior dos pequenos partidos e assegurado maioria no parlamento aos cristãos-democratas de Helmut Kohl. Com o fracasso de maio último, o papel de fazedor de reis passou do FDP para os “verdes”, que, sabiamente, afastaram seus líderes mais radicais e abandonaram antigas posições extremadas. Resultado: obtiveram 10% dos votos na Westphalia e nada menos 13% em Bremen. Os verdes agora se vestem com *blazers* e gravatas elegantes, em vez de *jeans* e sandálias. Tudo isso deu também mais força ao Partido Socialista, o SPD, cujo *slogan* agora é “ninguém governará mais este país sozinho”. Os dias de Kohl, apenas com 10 votos de maioria, poderão

estar contados, se os socialistas se acomodarem às exigências do Partido Verde, que se tornaram agora bastante razoáveis. Um realinhamento político, portanto, está em andamento e, neste ano, poderemos ter surpresas consideráveis.

Fato que me tem intrigado depois da reunificação das Alemanhas é o encarniçamento das investigações sobre crimes políticos cometidos na RDA. É curioso que a Alemanha unificada esteja dando a impressão de que parece mais interessada em fatos que ocorreram na Alemanha socialista do que nos crimes cometidos pelos nazistas. O Departamento Ganck, que investiga as atividades da STASI,³ possui 3 mil funcionários, ao passo que a central para esclarecimento dos crimes do nacional-socialismo tem apenas 120 funcionários. Querem talvez investigar o que é mais recente, pressionados pelas famílias das vítimas que pereceram ao tentar atravessar o muro. A STASI era considerada, juntamente com o MOSSAD israelense, como o mais eficiente serviço secreto do mundo, muitos pontos acima da CIA ou do KGB. Pois, hoje, muitos de seus melhores agentes estão sob contrato dos serviços de espionagem ocidentais e, também, de grandes empresas ou de importantes personalidades privadas. O citado Departamento Ganck tem fornecido, às promotorias alemãs, informações preciosas para processos contra alguns dos principais líderes da RDA. Foram encontradas na STASI mais de 35 milhões de fichas e documentos, muitos deles interessantíssimos. Lá certamente haverá uma ficha com meu nome e será muito divertido ler o que escreveram a meu respeito...

3. Serviço Secreto da Alemanha Oriental.

Surgiram daí alguns processos especiais, sendo talvez o mais saboroso deles o alusivo ao super-espião Markus Wolf, o chefe da STASI, que conheci razoavelmente bem em recepções oficiais em Berlim. Wolf havia sido condenado, em 1993, a seis anos de prisão por um tribunal de Düsseldorf, mas aguardava, em liberdade, o apelo ao Tribunal Constitucional da Alemanha. Em fins de maio último, a mais alta corte alemã decidiu, por ampla maioria, que os espiões da RDA não infringiram nenhuma lei da República Federal da Alemanha, ao realizar operações em favor de seu país. Afinal, a RDA era uma nação independente, com a qual o governo de Bonn mantinha relações diplomáticas e comerciais normais e, em 1987, Kohl recebera seu presidente Erich Honecker em visita oficial. Markus Wolf ficou livre e centenas de processos em andamento caíram por terra e serão arquivados. Isso, aliás, nos faz lembrar que, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, nenhum juiz alemão pôde ser condenado porque eles cumpriam as leis do Estado nazista. O curioso é que os alemães ocidentais que trabalhavam como espiões para a RDA não vão se beneficiar dessa decisão do Tribunal Constitucional, porque eles traíram seu país natal. Já os agentes da STASI que foram apanhados atuando no território da RDA terão circunstâncias atenuantes e cumprirão penas menores, segundo informa a imprensa alemã.

Algumas palavras também se fazem necessárias para comentar as alterações fundamentais que ocorreram nos meios artísticos e esportivos da Alemanha Oriental depois da reunificação. Se havia privilegiados na RDA eram os artistas em geral e os desportistas que brilhavam em certames internacionais, como as Olimpíadas. Antes, os artistas criadores tinham certas limitações

que provinham do velho relatório *Zdanov*, de 1948, mas hoje estão totalmente livres. No entanto, eles enfrentam agora as leis do mercado da arte e muitas vezes não sabem como agir. Os polpudos subsídios acabaram e o público parece mais atraído por jazz, pornografia ou romances banais. Os espectadores que lotavam os teatros e as óperas da Alemanha Oriental a preços altamente subsidiados (exemplo: uma poltrona na *Staatsoper* de Berlim custava o equivalente a dois reais), esse público hoje fica em casa e procura economizar para comprar um BMW ou uma geladeira moderna. Os artistas de hoje estão angustiados e recordam com saudade a época em que eram subsidiados e gozavam de prestígio e atraentes mordomias. Os melhores artistas emigraram: meu amigo Kurt Masur, então diretor da magnífica orquestra sinfônica do *Gewandhaus* de Leipzig, é hoje o regente titular da Filarmônica de Nova York, mas numerosos colegas seus, alguns deles artistas eminentes, estão em casa contando os tostões. Agora, a maior parte das atividades culturais terá de enfrentar o teste das leis de mercado.

Houve vinganças mesquinhas de autoridades de Berlim Ocidental contra artistas e instituições culturais de Berlim Oriental, invejosos de seu sucesso, mas isso parece só ter ocorrido nos primeiros tempos da unificação. No ano passado, estalou polêmica internacional pelos jornais, porque o famoso *Berliner Ensemble*, o templo do teatro de Berthold Brecht, estaria sendo desvirtuado. Os recursos para as três óperas de Berlim, com orçamento anual de US\$ 60 milhões, tiveram suas verbas retalhadas. Mas Berlim e seus artistas não podem queixar-se da crise financeira da reunificação, pois a prefeitura da cidade unificada apóia nada menos de 29 teatros e seis orquestras sinfônicas,

com gastos anuais de mais de US\$ 300 milhões. E ainda mantém um programa de aquisições de obras de artistas plásticos de US\$ 400.000,00 anuais.⁴ Como vemos, a situação dos artistas e intelectuais na nova capital alemã unificada não é nada triste.

Se a conjuntura global da Alemanha continua boa, apesar do enorme contrapeso da reconstrução da ex-RDA,⁵ persistem alguns problemas nada desprezíveis. O maior deles é o desemprego que, embora inferior ao da França, Grã-Bretanha, Itália e Espanha, ainda assim é superior a 9%.⁶ O governo alemão, no entanto, está na frente dos países acima mencionados no esforço de reciclagem de seus desempregados. Só nos estados do leste da Alemanha há cerca de um terço dos trabalhadores que estão fazendo treinamento regular de atualização em suas especialidades, ou simplesmente voltaram às escolas de treinamento para aprenderem novas profissões. O custo desse programa é elevado, mas não há alternativas, e outros países da Europa estão seguindo o mesmo caminho.

Outro problema embutido no desemprego é o dos chamados *gastarbeiter*,⁷ isto é, os imigrantes estrangeiros, cerca de 2 milhões de indivíduos, que agora estão sendo perseguidos e agredidos por extremistas de direita por estarem tirando os empregos dos alemães menos qualificados. Se portugueses, espanhóis, italianos, iugoslavos e gregos são relativamente bem-aceitos e se integram razoavelmente bem, uma maioria de muçulmanos de várias origens, sobretudo turcos e palestinos, vivem em guetos, não se misturam e criam problemas com suas exigências

religiosas. Muitos desses imigrantes já estão na segunda e até terceira geração na Alemanha, mas continuam mal adaptados. Conheci alguns comerciantes turcos e fui cliente de suas lojinhas de frutas, legumes e *delicatessen*. São brancos, discretos, amáveis e até humildes, mas o fato de suas mulheres usarem o *chador* provoca e irrita os *punks*, que as atacam e tentam violentá-las. A polícia alemã é implacável, mas o problema é grave e de difícil solução. Mais incômodos são os palestinos, rebeldes e desabusados, que fazem protestos e praticam atos de terrorismo. O primeiro-ministro Kohl já afirmou que a Alemanha não é um país de imigração e está fechando todas as portas legais para o ingresso de refugiados do Leste Europeu, sobretudo ciganos da Romênia e da Hungria, que infestam as belas avenidas de Berlim.

A melhoria do meio ambiente é ainda outra séria preocupação para os alemães, já que não há como solucionar, a curto prazo, as consequências do chamado “triângulo negro”, constituído pelo sul da antiga RDA, a Polônia e o norte da República Tcheca. O aquecimento para o inverno em todo o antigo Leste Europeu era e continuará a ser feito pelo carvão, ainda por muito tempo. A poluição é tão grande que a expectativa de vida está hoje sete anos abaixo da média da Europa Ocidental. As usinas de carvão para o aquecimento lançam quantidades enormes de dióxido de carbono e fuligem na atmosfera sobre a população, as plantas, o solo e as águas. Os habitantes da região não têm outra opção além de continuarem a respirar esse ar poluído, que causa mais dano às pessoas do que se elas fumassem um cigarro

4. Informação da revista *Newsweek*, edição de 23.01.95.

5. Gastos, até agora, de mais de US\$ 300 bilhões.

6. Como dito anteriormente, 3% na Alemanha Oriental.

7. Trabalhadores convidados.

atrás do outro, durante todo o dia. Na antiga Alemanha Oriental, o saneamento de décadas de Guerra Fria só será possível daqui a muitos anos. As estatísticas são alarmantes: 54% das plantas e 57 dos animais estão ameaçados de extinção.

Os festejos do 50º aniversário da vitória aliada sobre a Alemanha nazista foram bem conduzidos por ambas as partes, a fim de não reviver ódios antigos e tudo confluir para a condenação do nazismo e seus crimes hediondos. Tudo parecia correr bem quando explodiram na imprensa alemã, e depois na mídia internacional, notícias pormenorizadas sobre a volta à Alemanha, em 1945, dos alemães residentes nos países vizinhos. Da Prússia Oriental regressaram 2 milhões de pessoas; da Polônia migraram para a Alemanha 7 milhões de alemães, depois da retificação das fronteiras impostas pelos russos; da Tchecoslováquia voltaram à Alemanha cerca de 3 milhões de alemães lá residentes;⁸ da Hungria, Romênia e Iugoslávia tiveram de regressar ao país de origem cerca de meio milhão de refugiados alemães. A grande maioria desses 12,5 milhões de alemães era constituída por mulheres, crianças e velhos, que foram apanhados no meio das confrontações militares. Depois da vitória soviética, sofreram as piores violências e humilhações. Os levantamentos feitos pela imprensa livre alemã entre os sobreviventes revelaram terríveis informações, até agora sonegadas ou mal conhecidas do

grande público alemão. O escândalo foi imenso.

Stalin, Churchill e Truman, na conferência de Potsdam, em julho de 1945, decidiram que os alemães deviam ser transferidos de volta ao seu país “de maneira ordeira e humana”, mas o que ocorreu nada teve de ordeiro nem humano. Dois milhões de pessoas morreram durante essa transferência. Os soldados soviéticos foram encorajados a matar alemães, pelos panfletos escritos por Ilya Ehrenburg, o famoso jornalista soviético. Em suma, o princípio da culpa coletiva foi aplicado a todos os alemães. No entanto, recordo que, logo no início da Segunda Guerra Mundial, os alemães foram os primeiros a promover transferências em massa: tchecos e poloneses foram expulsos das zonas fronteiriças e era plano de Hitler enviar milhões de poloneses para a Sibéria, de modo a dar lugar a famílias alemães que se instalariam na Polônia.

“Há um conteúdo ideológico na questão: enquanto os governos socialistas procuram abafar as notícias das violências cometidas, os alemães da extrema direita parecem agravar suas acusações, como justificativa para os atos do nazismo naqueles países.”

As informações recém-publicadas provocaram grande celeuma na imprensa alemã, mas não faltou quem dissesse que os alemães estavam querendo reescrever a história e colocando-se em posição de vítimas. Descobriram até que, na Polônia do pós-guerra, havia campos de concentração dirigidos por judeus, onde teriam sido internados e massacrados milhares de retirantes alemães. Em Praga, um dos primeiros atos do presidente Vaclav Havel foi pedir desculpas aos alemães pelo tratamento que os tchecos inflingiram aos refugiados alemães depois da guerra. Há, porém, um conteúdo ideológico na questão: enquanto os governos soci-

8. Os famosos sudetos que serviram de pretexto para a invasão realizada por Hitler, em 1938.

alistas procuram abafar as notícias das violências cometidas, os alemães da extrema direita parecem agravar suas acusações, como justificativa para os atos do nazismo naqueles países. Os alemães sudetos agora pleiteiam indenizações da República Tcheca e o retorno das propriedades alemãs confiscadas em 1945. Seja como for, o debate criou situações embaralhadas para os governos dos países vizinhos que estavam sendo ajudados por entidades alemãs. Várias dessas entidades e empresas suspenderam os auxílios que vinham sendo oferecidos, sobretudo aos tchecos, e a atmosfera ficou envenenada. O governo tcheco recusa-se a pagar indenizações e os investimentos alemães secaram.

Resta avaliar o futuro da nova Alemanha unida. Em princípio, olho com otimismo, a médio prazo, sobretudo agora que os americanos desistiram, temporariamente pelo menos, de fazer uma guerra comercial contra o Japão e a Alemanha. O dólar voltou a subir e os produtos japoneses e alemães terão melhor comercialização no maior mercado mundial. Internamente, a antiga RDA tem sido um bom mercado para os produtos encalhados do lado ocidental, mas o elevado custo de produção está gerando crises em vários grandes conglomerados, que planejam exportar algumas de suas fábricas. Em setembro último, ao ser anunciado que a Mercedes Benz passaria a produzir automóveis no Brasil, aconteceu longa greve dos operários alemães ameaçados de demissão.

Os riscos de uma grande Alemanha unida, com mais de 80 milhões de habitantes altamente qualificados, persistem, mas creio que serão minimizados pelo caráter federal e democrático de seu atual governo. Antes das duas guerras mundiais, a Alemanha ne-

cessitava de espaço vital para expandir-se econômica e comercialmente. Hoje a Alemanha dispõe de um espaço comercial ilimitado, sem os entraves políticos que sentia em 1914 e 1939. Integrados na União Europeia, como o país mais poderoso industrialmente falando, os alemães não se sentirão tentados a correr riscos políticos, tanta é a sua prosperidade atual. Na Europa, a Alemanha não tem mais competidores e o poderio da Rússia está profundamente abalado. Somente um grave erro comercial dos Estados Unidos da América poderá criar uma séria crise interna na Alemanha e favorecer o aparecimento de um líder carismático revanchista. A médio prazo, as perspectivas para a Alemanha são brilhantes e confio que ela não constituirá um risco militar em futuro previsível.

Finalmente, uma palavra sobre as relações bilaterais da nova Alemanha com o Brasil e aproveito entrevista de nosso chanceler Luiz Felipe Lampreia a *O Globo* de 14 de julho último, na qual focalizou com muita propriedade essa “parceria estratégica” que tantos frutos vem dando a ambas as partes:

“A RFA é hoje o segundo principal investidor no Brasil, responsável por 15% do total de investimentos feitos no país, e ocupa a primeira posição entre os países da União Europeia, com 40% do total investido. A maior parte das aplicações converge para a indústria de transformação. Os alemães destacam sempre ser São Paulo a principal cidade industrial alemã. Há cerca de 1.200 empresas alemãs com investimentos em nosso País, que geram mais de 400 mil empregos diretos e que exibem faturamento da ordem de 15% do PIB brasileiro. São números impressionantes que falam por si sós. A Alemanha é o terceiro maior parceiro

comercial do Brasil com um comércio total de US\$ 4,6 bilhões. Os produtos industrializados são responsáveis por mais de 50% do total exportado e por 95% do total importado pelo Brasil. Na cooperação externa alemã, o Brasil se destaca no volume global de recursos concedidos a título de ajuda ao desenvolvimento. Na área de ciência e tecnologia, o Brasil divide o primeiro lugar com a Índia, em montante de recursos movimentados. Na cooperação técnica, é o ter-

ceiro recipiente de fundos alemães, logo após a China e a Índia. Na transferência de tecnologia para o Brasil, a Alemanha se concentra em tecnologia avançada que gera bens de alto valor agregado."

Nesse quadro promissor, o Presidente Fernando Henrique Cardoso visitou a Alemanha em setembro de 1995 e as negociações realizadas prometem uma cooperação ainda maior e mais decisiva para o desenvolvimento de nosso País. □

PISTOLA TAURUS.



QUALIDADE
E SEGURANÇA
A SEU SERVIÇO.

Com uma Pistola Taurus você tem a certeza de segurança. A segurança que só a mais alta tecnologia pode proporcionar. Taurus, marca de qualidade à sua disposição.



Av. do Forte, 511 - Porto Alegre
RS - Brasil - CEP 91360-000
Fone: (051) 340-2244
Telex: (51) 1129 FTUS BR
Fax: (051) 340-4981

PT 58 S
Calibre 380, 12 + 1 tiros, cano de 102 mm, dispositivo de segurança manual, trava de ferrolho, dente de travamento de cão, percussão a lance inicial, indicador de cartucho na câmara, acabamento inoxidável ou niquelado